Saudamos, portanto, com muito agrado a publicação desta obra memorável, sob a chancela da Federación Andaluza de Estudios Clásicos, do Instituto de Estudios Humanísticos, do Decanato de Filosofía y Letras de la Universidad de Málaga e da Rede de Excelência *Europa Renascens*, na certeza de que os seus editores e autores prestaram um serviço inestimável às *humaniores litterae*, mantendo vivo e presente o sonho do Humanismo, plasmado na imagem reproduzida na portada (Giorgio Vasari, *Seis poetas toscanos*, 1544), que o Prof. Francisco José Talavera Esteso tão bem soube acarinhar e acalentar ao longo da sua vida.

JAA Torrano, (2019) *Mito e Imagens Míticas*. São Paulo: Editora Córrego, 154 p., ISBN: 978-85-7039-022-6.

MARIA FERNANDA BRASETE[11] *(Universidade de Aveiro — Portugal)*

Esta obra, como se refere no Prólogo (pp.7-9), reúne uma coletânea de dez ensaios de História da Cultura Grega Arcaica Clássica, que constituem um estudo hermenêutico sobre o pensamento mítico grego. O arco cronológico estende-se desde a *Teogonia* de Hesíodo, aos *Diálogos* de Platão, resgatando os *Hinos Homéricos a Dioniso* e a tragédia *Bacas* para documentar" o imaginário do mito do Deus Dioniso" (p. 7), e peças de Ésquilo, Sófocles e Eurípides para fundamentar alguns dos tópicos de discussão, que ao longo dos anos, têm nutrido a perspícua reflexão que o A. têm votado ao estudo do género trágico. Apesar de "retrospetivo", o roteiro deste processo interpretativo não pretende propor, citando as palavras iniciais do A., "um retorno ao pretérito perfeito, mas uma reflexão sobre a necessária imperfeição do que somos hoje" (p. 9). Apesar de os textos coligidos nesta obra derivarem de publicações anteriores, eles mantêm uma coerência reveladora do profício trabalho de investigação desenvolvido por um dos mais notáveis helenistas do Brasil.

No primeiro ensaio, que aparece sob um título homónimo à obra (pp. 10-23), o A., um exímio tradutor de Hesíodo, parte da ideia de que a "dinâmica" do pensamento mítico arcaico se constituiu a partir de dois elementos fundamentais ("as imagens" e a "intuição"), conforme documentam os poemas atribuídos a Homero e a Hesíodo. A partir da noção mítica de

[11] mbrasete@ua.pt.

Theós, "Deus(es)", ambiguamente considerada singular e plural, desenvolve-se um modo de pensar mítico que desconhece a categoria cronológica do tempo, "percebendo-o de modo concreto e qualificado com as qualidades das epifanias e dos acontecimentos que nele se dão" (p. 14). Relembra o A. que "a contaposição entre ser e devir" provém da filosofia de Parménides, tendo sido depois reelaborada por Platão. Assim, se deve perceber que "a afirmação comum dos manuais escolares segundo a qual os Deuses são imortais, mas não eternos, é um duplo erro por má leitura da imagem mítica e por uma confusão anacrônica entre noções míticas e filosóficas" (p. 12). Defendendo uma conceção muito concreta e peculiar de tempo mítico, absolutamente distinta de uma noção abstrata e pretensamente universal do modo histórico de pensar a cronologia, Torrano explica como o tempo de "cada Deus é instaurada por esse Deus mesmo, não o precede nem o excede, e cada tempo tem as qualidades próprias das atribuições do Deus que nele se manifesta" (p.14). A *Teogonia* de Hesíodo fundamenta, como demonstra o A., este conceito primevo de temporalidade, regido pela lógica interna de um imaginário mítico, isento de uma perspetiva cronológica, permitindo, assim, a conclusão seguinte: "Por associação com a noção mítica de *Theós* "Deus(es)", comunica-se às imagens a mesma hierarquia que estrutura o panteão e que o torna uma unidade dinâmica, organizada e subsumida pela figura ímpar de Zeus (p.22).

No segundo ensaio ("A noção mítica de *Kháos* na *Teogonia* de Hesíodo", pp. 24-34), o A. parte dos dois últimos livros publicados pelo célebre helenista Jean-Pierre Vernant para rever a noção mítica de *Kháos*, traduzida por "Abismo", na senda da proposta da tradução de Paul Mazon da *Teogonia*. Por razões de fidedignidade lexical e conceitual. Torrano considera que essa tradução, também seguida por Vernant, pode gerar equívocos pelo facto de não proporcionar uma distinção clara entre Caos e Tártaro. Tendo em consideração que a significação do étimo grego *ábyssos* é a de "fundo (do mar)" (p. 25), gera-se uma ambiguidade questionável com a descrição que a *Teogonia* fornece do Tártaro: (*péren Kháeos zopheroîo*, v. 814). Com base nas três ocorrências da palavra *Kháos* na *Teogonia*, e de acordo com pensamento mítico hesiódico, Torrano defende uma distinção entre Caos e Tártaro porque, quando no poema se menciona o *Kháos* e se enfatiza a sua prioridade de nasci-

mento, isso não significa que a entendamos como "uma anterioridade cronológica nem de uma relação de primazia espacial" (p. 26).

No breve capítulo, intitulado "Hinos Homéricos a Dioniso. Estudo e Tradução" (pp. 35- 41), o helenista brasileiro contextualiza sinopticamente os denominados "Hinos Homéricos", apresentando, de seguida, uma tradução exímia dos três fragmentos consagrados ao deus Dioniso, que chegaram aos nossos dias.

No ensaio intitulado "O mito de Dioniso" (pp.42-77), Jaa Torrano retoma o tema do pensamento mítico, ao qual dedicou grande parte da sua investigação, ao longos da sua carreira académica, caraterizando-o pelos seguintes critérios: 1) oralidade; 2) concretitude; 3) importância dos nomes divinos e da palavra em geral; 4) repertório de sinais divinos; 5) nexo necessário entre verdade, conhecimento e ser (pp. 42-5). Seguidamente, o A. concentra-se na questão de "A Tragédia como renascimento do mito" (pp. 45-5), apresentando uma reflexão crítica sobre o aparecimento e a evolução da tragédia como fenómeno estético e político, na pólis democrática ateniense. Sublinha-se a integração da épica e da lírica no discurso trágico, que se configura como uma forma dialética em que se congregam quatro elementos: Deuses, Numes, heróis e homens (p.48). Salienta-se a ideia de que aos coros trágicos ("que refletem o ponto de vista humano próprio da pólis" (p. 49)), contrapõe-se sempre uma ação heroica inscrita no âmbito de um Deus, para se concluir que "esta dialética pré-filosófica da tragédia reatualiza e aprofunda a ontologia implícita do pensamento mítico em suas mais próprias dimensões cultuais" (p. 50).

No quarto texto desta coletânea, depois de se explicar a origem do nome *Bákkhos* (e dos seus cognatos), apresenta-se uma leitura crítica, meticulosamente fundamentada, daquela que foi uma das últimas tragédias de Eurípides, e aquela que Jaa Torrano traduziu para língua portuguesa, em 1995, sob o sugestivo título de *Bacas*. Entendida como o documento mais relevante e completo que a Antiguidade nos legou sobre o culto dionisíaco, a escolha do título *Bacas*, como explica o autor-tradutor, procura jogar com a "variação intercambiante de singular/plural, masculino/feminino", ressaltando assim "uma imagem icástica do jogo de imagens próprio das epifanias multifárias de Baco". (p. 51).

Nos dois capítulos seguintes, intitulados respetivamente "A Educação Trágica" (pp. 78-92) e "A Tragédia como forma de pensar" (pp.93-106), o A. disserta, com notável rigor e clareza, sobre o caráter institucional do drama trágico, o seu papel como forma de educação estatal, a relação do género trágico com a História e o contexto cívico-religioso em que decorriam os *agones*. Salientando a dimensão política da tragédia ática, Torrano afirma, a par de outros helenistas, que este género dramático se constituía como um importante "momento de educação pública em que a cidade atualiza[va] a tradição e apresenta[va] os seus valores e as suas referências para os cidadãos" (p. 97). Na cuidada reflexão que o A. consagra à tragédia, a análise começa por incidir sobre os aspetos mais relevantes da ação e das figuras de algumas peças de Ésquilo (nomeadamente os *Persas*, a *Oresteia* e *Prometeu*). Pretende-se, assim, explicitar como o teatro esquiliano reconfigura os valores míticos e políticos do ser humano perante o divino, já que os heróis são representados do ponto de vista da pólis democrática, mas sob o signo dos desígnios do Deus. Em relação às tragédias de Eurípides, destaca-se a ideia de sendo a "a questão da justiça […] pensada nos termos do imaginário mítico tradicional […], no entrecho dramático a justiça se cumpre como consumação dos desígnios divinos", se bem que nem sempre se afigure compreensível para as personagens mortais. Conclui, por isso, o A. que "nas tragédias de Eurípides, a narrativa dramática se constrói segundo a lógica e a noção de causalidade próprias do pensamento mítico" (p. 105).

A *Antígona* de Sófocles, mais especificamente a célebre "Ode ao Homem" (vv. 332-275) é objeto de uma breve análise e de tradução, na parte 7 desta coletânea (pp. 107-110).

Em "A Noção Mítica de Justiça em Eurípides e Platão" (pp. 111-122), Torrano começa por enumerar e analisar os quatro traços fundamentais do pensamento mítico que se encontram nos poemas de Hesíodo e na tragédia grega em geral. De acordo com o seu paradigma hermenêutico do mito, o A. considera que "Platão atualiza e conceitua tanto num sentido político quanto num sentido psíquico uma antiga forma de pensamento, a saber, a noção mítica de justiça, que a tradição poética de Hesíodo a Eurípides elaborou e reelaborou recorrendo unicamente a imagens" (p. 119).

Seguidamente, em "A Retórica entre o Mito e a Filosofia: a associação da Justiça, Belo e Bom em Hesíodo e em Platão" (pp. 123-142), Jaa Torrano indaga, primeiramente, as principais "componentes estruturais do pensamento mítico em Hesíodo", através de um breve cotejo entre os proémios dos dois poemas do poeta Beócio. Na continuidade do tema, a análise dos dois *Diálogos* platónicos selecionados por encerrarem ambos uma crítica à retórica, pretende demonstrar que "no *Górgias*, a crítica vê a retórica pelo lado esquerdo, como uma atividade rotineira, sem conhecimento do justo, do belo e do bem; no *Fedro*, a crítica vê a retórica do lado direito, como parte integrante da ciência dialética" (p. 136).

No último ensaio, "A última defesa de Sócrates — o corpo como metonímia do sensível" (pp. 143-152), Torrano centra o seu estudo nas quatro defesas proferidas por Sócrates, depois de sentenciado à pena de morte, nos *Diálogos* de Platão (*Apologia*, *Górgias*, *Críton* e *Fédon*), para concluir que o pensamento mítico permanece, se bem que transformado, na prosa filosófica de Platão. Um exemplo dessa continuidade são as descrições que Sócrates faz das noções míticas de Hades e de Deuses, recorrendo aos epítetos tradicionais que provêm dos poemas homéricos e hesiódicos. Destacando que, nos *Diálogos*, é comum "as ideias e o inteligível serem referidos com *tà theîa*, "as coisas divinas"", o A. conclui que as formas do pensamento mítico detêm uma "imprescindível e indispensável função também na fundação do pensamento filosófico, tela como documentada nos *Diálogos* de Platão" (p. 152).

No seu conjunto, os dez ensaios que compõem esta coletânea demonstram a erudição, a sensibilidade e a perspicácia singulares de Jaa Torrano, fundamentada filológica e filosoficamente de forma irrepreensível, tornando esta obra um instrumento muito importante na análise do pensamento e imaginário mítico grego em Hesíodo, Homero, Tragédia e Platão.